

A hora é notícia: reflexões sobre o telejornalismo mineiro na década de 60¹

Christina Ferraz MUSSE²

Resumo: Análise do telejornal diário da TV Industrial de Juiz de Fora, estação pioneira na geração de programas no interior brasileiro. Com poucas imagens externas e muita apresentação de estúdio, influências do rádio e do jornal impresso, mas um produto inovador para o padrão da época, o telejornal foi idealizado pela proprietária de uma das primeiras agências de publicidade de Minas Gerais, tornando-se um laboratório de conteúdos e formatos.

Palavras-chave: Mídia audiovisual, história, telejornalismo.

A aventura da TV na cidade pioneira

A primeira demonstração pública de TV na América Latina foi realizada em Juiz de Fora. A iniciativa pioneira coube ao técnico de televisão e eletrônica, Olavo Bastos Freire. No dia 23 de setembro de 1948, ele realizou a primeira transmissão oficial totalmente eletrônica em circuito aberto, transmitindo imagens do aristocrático Clube Juiz de Fora, na Av. Rio Branco, onde ficou o transmissor, para a tradicional loja comercial Casa do Rádio, na Av. Getúlio Vargas, onde foi instalado o receptor. As maiores autoridades municipais (o prefeito, o bispo e o comandante da 4ª Região Militar) participaram do evento, eternizado nas imagens da Carriço Film³, em que o feito é comparado à inauguração da primeira usina hidrelétrica da América do Sul, inaugurada em Juiz de Fora, em 1889. Curiosamente, a primeira transmissão esportiva de um jogo de futebol, no país, também foi feita pelo “rádio-eletricista” Olavo Bastos Freire, durante a comemoração do primeiro centenário de fundação do município de Juiz de Fora, em maio de 1950. E ainda, em 28 de setembro do mesmo ano, seria o mesmo Olavo Bastos Freire, a transmitir, dos estúdios da Rádio Industrial, na rua

¹ Trabalho apresentado ao GT de Mídias Visual e Audiovisual do VII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Professora doutora do curso de Comunicação Social e do PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)/Minas Gerais.

³ A companhia cinematográfica Carriço Film documentou, durante mais de duas décadas, a história da cidade, através da produção de cerca de 400 cinejornais. Os filmes foram doados à Prefeitura de Juiz de Fora. Parte do acervo se perdeu, por falta de conservação, mas 236 cinejornais foram restaurados na Cinemateca de São Paulo.



Halfeld, no Centro da cidade, o primeiro programa de TV em Minas Gerais, apenas alguns dias depois da inauguração oficial da TV Tupi de São Paulo, em 18 de setembro.

O programa que a Carlos Pereira Indústrias Químicas S/A ofereceu aos curiosos observadores da televisão, em seus primeiros passos no Brasil, foi transmitido diretamente do 11º andar do Edifício Baependi, mostrando o trabalho do então repórter policial José Carlos de Lery Guimarães e da cantora Oswaldina Siqueira. Imagem e som chegavam em condições normais à antiga Casas Pernambucanas, na rua Halfeld, onde se improvisara um receptor para permitir a uma pequena multidão aglomerada, ver o que se passava no estúdio da emissora. (*Diário Mercantil*, 1973, p. 3).

As experiências realizadas até então em solo mineiro foram esporádicas, mas refletiram a aura de pioneirismo que, de fato, marcou a cidade nas primeiras décadas do século XX e que ainda contaminavam o imaginário daquela que, apesar de perder prestígio nos índices de produção industrial, ainda continuava a ser a segunda cidade de Minas, de acordo com vários indicadores como população e arrecadação, logo depois da capital, Belo Horizonte. A importância estratégica e econômica de Juiz de Fora não escapava aos olhos argutos do capitão da indústria de informação e entretenimento, Assis Chateaubriand. Na cidade, onde ele já era dono dos tradicionais jornais *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde*, além da Rádio Sociedade, o empresário fez uma tentativa de criar uma TV local, que, de certa forma, também homenageava um dos pioneiros do processo de urbanização da cidade: Mariano Procópio⁴. “Em 22 de dezembro de 1956, em virtude do sucesso alcançado pela Tupi e já com pretensão de formar uma rede no país, os Diários Associados protocolaram, junto ao Governo Federal, um pedido de concessão [...]” (RODRIGUES, 2008). Apesar de não ter sido atendido de imediato, o diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, Renato Dias Filho, deu início às primeiras transmissões. De fato, não existia uma sede física para a televisão, nem mesmo um estúdio. Apenas dois funcionários, o jornalista Wilson Cid e o fotógrafo Jorge Couri tratavam de, esporadicamente, transformar em notícia algum evento de importância, que tivesse ocorrido na cidade. Jorge Couri enumera, por exemplo, a cobertura

⁴ Mariano Procópio Ferreira Lage foi o responsável pela construção da primeira estrada macadamizada da América Latina, que ligava Juiz de Fora a Petrópolis, e foi inaugurada pelo imperador Dom Pedro II, em 1861.

da inauguração do Clube Sírio e Libanês, que reuniu a sociedade local. (COURI, 2008). Para registrar as imagens, ou era usada máquina fotográfica comum ou uma filmadora, com um detalhe, além da revelação extremamente artesanal, os filmes eram mudos. Recentemente, Flávio Lins Rodrigues descobriu a existência do *Telefoto Jornal*, que era veiculado localmente, depois do *Repórter Esso*⁵, no canal 10:

[...] nos anos 60, através de uma antena no alto do bairro São Benedito [antigo Arado] e de um projetor de *slides*⁶ instalado no mesmo local, era exibido, durante cerca de cinco minutos, às oito e quinze da noite, o *Telefoto Jornal*, cujo *slogan* era: “Uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade”. (RODRIGUES, 2009, p.10).

De acordo com o pesquisador, a narração dos noticiários era feita pelo jornalista Rubens Furtado e a dos comerciais pelo radialista Geraldo Basdon. Embora a televisão fosse ainda extremamente artesanal, tinha custos e, para subsidiá-los, o jornalista e publicitário Luiz Antônio Horta Colucci, por exemplo, tentava vender anúncios para a emissora. A TV Mariano Procópio chegou inclusive, através de publicidade nos jornais dos Associados em Juiz de Fora, a vender ações para pessoas físicas, na tentativa de se capitalizar, mas os cotistas foram aos poucos deixando de pagar (RODRIGUES, 2009). De qualquer forma, depois da experiência inicial, a TV Mariano Procópio, Canal 10, ainda possuiu, de 1960 a 1963, um bloco de cinco minutos de notícias dentro do *Jornal da Tupi*, apresentado na época por Íris Lettieri e Talita:

[...] o material local era gravado em película e enviado por ônibus ao Rio a fim de ser exibido. O bloco era feito com slides de Jorge Couri e textos de Wilson Cid, que ressalta uma entrevista de destaque feita por ele e exibida no telejornal, com o senador pelo estado do Espírito Santo, João Calmon, presidente do Condomínio dos Diários Associados. (RODRIGUES, 2006, p. 31).

⁵ O *Repórter Esso* foi o telejornal de maior prestígio da televisão brasileira, durante quase duas décadas. O telejornal começou a ser veiculado pela TV Tupi, em abril de 1952 e permaneceu no ar até dezembro de 1970.

⁶ *Slides* ou *eslaides*: cromos de 35 mm emoldurados para projeção. (FERREIRA, s.d., p.806).



A empreitada dos Diários Associados em conseguir uma televisão local acabou sendo atropelada pela investida de um outro grupo, politicamente mais alinhado ao PTB do então presidente João Goulart, e que tinha na cidade, sede de atuantes sindicatos de trabalhadores, lideranças expressivas que faziam parte do governo, como o ex-deputado Clodesmith Riani. Talvez o viés político tenha sido a maior razão para a conquista da concessão pelo grupo do empresário Sérgio Vieira Mendes, da Rede Dial, que já era proprietária das rádios Industrial e Difusora, em Juiz de Fora, em oposição ao pleito de Chateaubriand, que não era, então, aliado ao Governo Federal.

A épica da TV Industrial

A proposta de criação da TV Industrial começou a ser analisada no início dos anos 60.

Em 1962, a Comissão Técnica de Rádio, agora com a denominação Contel – Conselho Nacional de Telecomunicações -, hoje, Dentel – Departamento Nacional de Telecomunicações – estudava a proposta da Rádio Industrial de Juiz de Fora para a concessão do Canal 10 àquela emissora. (CABRAL, 1985, p.6.).

Aprovada pelo Contel e autorizada pelo presidente João Goulart, a proposta do empresário Sérgio Vieira Mendes, proprietário das rádios Industrial e Difusora, resultou na concessão do canal, mediante o decreto nº 2236, de 22 de janeiro de 1963. (CABRAL, 1985). Quando a TV foi inaugurada, Juiz de Fora recebia o sinal de apenas três emissoras: TV Tupi, TV Rio e TV Record.

A TV Industrial foi saudada na cidade como símbolo de modernidade. Foi construída em terreno doado pela Prefeitura, no ponto mais alto do centro urbano, o Morro do Imperador⁷. A inauguração se deu com toda a pompa e circunstância, em 29 de julho de 1964, quatro meses depois que as tropas do general Olympio Mourão Filho tinham deixado a cidade em direção ao Rio de Janeiro, deflagrando o golpe militar de 1964. Curiosamente, a concessão tinha sido dada a um grupo aliado ao ex-presidente, agora exilado, João Goulart. Mesmo assim, resgatando no nome a vocação “industrial” da Manchester Mineira, e no

⁷ O prédio onde a TV funcionou existe até hoje, mas está abandonado, depois de ter sido utilizado, durante cerca de cinco anos, de 1980 a 1985, pela TV Globo de Juiz de Fora. Há propostas, ainda não oficializadas, de se criar ali um Museu do Rádio e da Televisão.



símbolo, o “Zé Marmita”, a imagem do operário, do homem comum, a TV buscava uma identidade com a cidade.

Construída no cume do Morro do Imperador, ao lado do monumento ao Cristo Redentor, o estúdio e a torre da TV Industrial estão dominando toda a região da Zona da Mata, num atestado de pujança dos nossos filhos pioneiros. Entrando no ar a sua imagem, nítida e com o som perfeito, a não ser vezes por outra falho, justificáveis, porque estão em fase inicial e os técnicos são mesmo de casa, começando, portanto, agora o novo mister, a TV Industrial tem levado aos lares alguns bons programas, além de filmes interessantes. Dos programas montados, às vezes de improviso, temos gostado de “Em nome da Lei”, com Carlos Netto; “Juiz de Fora em 3-D”, com o engenheiro Itamar Franco; “Música Imortal” e “Mesa de bar”, com Luiz Araújo; “Entrevistas”, com Maurício de Campos Bastos e outros; “Resenha Esportiva”, com Geraldo Magela Tavares, sem falar nas exibições de conjuntos musicais e artistas locais. Enfim, depois de feita a programação definitiva, é que poderemos tirar a conclusão do valor artístico e qualidades do roteiro do Canal 10. Até agora tem sido na base da improvisação. (TELEVISÃO, 1964, p.20).

A TV Industrial foi responsável pela construção da primeira torre helicoidal da América Latina, projetada por Armando Favato (A TELINHA, 29 jan.1990, p.16). Segundo o projetista, a torre “que inovava na forma, tirando partido das linhas curvas, simbolizava a própria dimensão da comunicação: a origem do zero ao infinito”. (MUSSE, 1985)

Logo que entrou no ar e, depois, durante certos períodos, a TV Industrial conseguiu uma verdadeira façanha: “80% da programação da emissora chegaram a ser gerados nos seus próprios estúdios, segundo informação do ex-diretor Geraldo Mendes”. (MUSSE, 1985, p.8). Os programas produzidos na cidade envolviam vários gêneros: educativos, jornalísticos, auditório, variedades, etc. Os outros 20% da programação eram completados pela projeção de filmes e a compra de programas: “para cobrir a programação que faltava, (a TV) fez uma série de contratos com emissoras e redes, onde (sic) recebia VTs [videoteipes] de programas que eram colocados no ar semanas depois de sua exibição pela emissora de origem, ou mesmo, entrando em cadeia com outras geradoras”. (CABRAL, 1985, p. 10). Segundo Musse (1985, p.9), “nos dias úteis, a emissora permanecia no ar por uma média de oito horas diárias, das



cinco da tarde à uma da madrugada e, nos fins de semana, mantinha sua programação de meio-dia até o início da madrugada, num total de treze horas de transmissão.”

O radialista Natálio Luz lembra do período em que trabalhou na TV Industrial e em que dividiu a atenção dos espectadores com muitas atrações que vinham do Rio de Janeiro:

A TV Industrial tinha geração própria, mas não era geração de todo programa porque ela não tinha recursos financeiros para manter um elenco de comunicadores, atores e técnicos no interior. Ela aproveitava a programação de outras emissoras, às vezes da TV Rio e na maioria das vezes da TV Globo. Até que se celebrou um convênio com a TV Globo e passaram a retransmitir a TV Globo e a ter uma programação gerada em Juiz de Fora, com programas de auditório vindos do Rio (*César de Alencar*, *Hoje é dia de Rock*). Grandes nomes da música popular brasileira passaram por aqui. O Martinho da Vila sempre vinha a Juiz de Fora, e grandes nomes do teatro também vinham aqui nesses programas. E isso dava subsídio a nós de Juiz de Fora para fazermos nossos programas. (LUZ, 2007).

A programação da TV Industrial, administrada ainda de forma familiar, permitia uma grande liberdade àqueles que propunham inovações, como a programação educativa.

Dois programas eram veiculados nesses padrões: “A Universidade no ar”, que levava conhecimentos de nível superior a todos que quisessem acompanhá-lo, e “Sistema”, que equivalia, resguardadas as devidas proporções, entre escola e emissora de televisão, ao segundo grau, e dava ao aluno uma perspectiva de poder participar dos vestibulares de Juiz de Fora e região⁸. (CABRAL, 1985, p. 11)

Apesar das grandes dificuldades técnicas, a emissora possuía uma diversificada grade de programação, que reunia atrações como Carlos Imperial, Raul Longras e César de Alencar em programas de auditório; Roberto Carlos, Toquinho e Maria Creuza, em musicais; e a maior audiência a cargo do programa esportivo *Camisa 10*, ancorado pelo empresário Geraldo Mendes.

⁸ De acordo com o autor, o programa dirigido pelo médico e professor Sebastião Helvécio, diretor de um curso preparatório para o vestibular, foi apresentado a Shell do Brasil para obtenção de patrocínio. “Dois meses depois, ela o fazia, só que na Rede Globo, com o nome de “Tele-curso do 2º Grau.” (CABRAL, 1985, p. 11).



E, como o juizforano sempre foi muito mais torcedor do Botafogo ou Flamengo do que do Atlético ou Cruzeiro, a emissora se esmerava na transmissão dos campeonatos e torneios cariocas. Em 1974, a TV Industrial chegou a receber um prêmio especial da administração do estado do Rio de Janeiro, por ter sido a emissora mais presente no Maracanã. Neste ano, além de transmitir nada menos que 174 partidas, a TV Industrial já inovava, lançando fórmulas como a do programa “Camisa 10”, que, já naquela época, reunia comentaristas para discutir os jogos e o desempenho das equipes, hoje, uma prática comum em todas as emissoras. (MUSSE, 1985, p.9)

Outro aspecto bastante interessante se refere à organização empresarial do veículo de comunicação. De acordo com Cabral (1985), a emissora tinha 30 funcionários e gerava cerca de oito a dez horas de programação diária. Quase todos eram da cidade de Juiz de Fora, alguns como Cristina e Dolores Mendes, que trabalharam no setor de Jornalismo, na década de 70, eram filhas de um dos sócios da TV, o que criava um ambiente empresarial com características bastante familiares.

O telejornalismo diário: um olhar feminino

O desafio de se fazer telejornalismo diário numa emissora local, na década de 60, não atemorizou Marilda de Menezes Ladeira, essa ex-funcionária pública, nascida em Belo Horizonte, que, depois de se casar com um médico juizforano, mudou-se, em 1951, para Juiz de Fora onde, além de criar os cinco filhos, como era de praxe para as mulheres de então, resolveu abrir, segundo ela, a primeira agência de publicidade, pesquisa e promoções do interior de Minas, a Prevendo, em 1967. A Prevendo foi a agência que fez os primeiros filmes publicitários para a TV Industrial:

[...] era uma espécie de competição, de machismo, principalmente nesse ramo da comunicação, da publicidade, o homem achava que a mulher tinha que ficar em casa fazendo almoço, botando avental e indo para o fogão, cuidando de criança. Eu nunca deixei de cuidar das minhas crianças, levá-las ao colégio, ao balé, tudo quanto há. Mas eu me multiplicava de alguma forma e me cercava de gente boa, porque eu acho que o segredo da comunicação, o segredo da vida e o segredo da empresa é você se cercar de gente competente, de gente boa, cada qual em seu setor. (LADEIRA, 2008).



O telejornal, na verdade, mais próximo a um jornal de variedades, era feito diariamente, na sede da agência de publicidade e promoções, no centro da cidade. O script era, depois, levado para a sede da TV Industrial, no Morro do Imperador. Era um processo totalmente artesanal. Até mesmo para se chegar à televisão, não era fácil: o caminho não era pavimentado, era de terra, e Marilda Ladeira usava uma caminhonete Rural Willys, para facilitar o acesso.

Em 68, era uma hora e quinze de jornal. Às dezoito horas começava; eram dezesseis quadros e tinha dezesseis patrocinadores diários; abria com uma espécie de opinião editorial que era lida por mim, outra hora, era lida por Natálio [radioator, diretor de teatro], que teve sempre uma voz magnífica, belíssima, e nós fazíamos esse editorial e depois vinham os locutores apresentando, cada um dentro de quatro ou cinco módulos do jornal, que falavam sobre sociedade, sobre arquitetura, sobre condução. Eu não me lembro assim... tenho aí a documentação, alguma coisa... é preciso ainda remover, vamos dizer assim, esses arquivos, porque é tanta coisa que eu fiz. (LADEIRA, 2008).

A ideia de reunir patrocinadores para cada bloco temático não era nova, afinal, nas décadas de 50 e 60, era comum que os produtos televisivos adotassem o nome dos patrocinadores; no caso da teledramaturgia, inclusive, eram os patrocinadores que pagavam o salário dos autores. Mas, pensando na cidade de interior em que o acesso das mulheres aos negócios era praticamente vedado, isso realmente tinha um destaque maior. Na cidade conservadora, Marilda Ladeira, aliada a grupos de amigos e profissionais, entre eles aqueles ligados à Igreja Católica, como os do Movimento Familiar Cristão, tentava modernizar o comportamento de Juiz de Fora.

Quando eu fundei a Prevendo, eu não podia entrar no Centro Industrial. Teve uma vez que eu fiquei com tanta raiva, porque eles não deixaram fazer a FEINCO, que seria a primeira Feira Industrial e Comercial de Juiz de Fora. [...] Já tinha até estande vendido e ia ser naquele prédio antigo da Mascarenhas [antiga fábrica de tecidos]. Nós tivemos toda a estrutura da FEINCO pronta e não pudemos fazer. Eu entrei nessa reunião na marra, quando o cara, que era presidente do Centro Industrial, era o diretor da Coca-Cola, acabei com a raça dele, e eu não tinha medo não, eu acabava



mesmo. Então, eu sempre fui assim uma mulher muito amada ou muito odiada, então, minha vida não foi fácil. (LADEIRA, 2008).

A tentativa de fazer algo novo deu certo, tanto que, em termos do telejornal diário, veiculado de segunda à sexta-feira, Marilda Ladeira conseguiu criar um modelo de programa que mostrava a cidade através de seus protagonistas:

E o [banco] Crédito Real⁹ falava sobre economia, sobre dinheiro, vamos dizer assim; o Café Sobradinho falava sobre mercado, naquele tempo, acho que nem tinha grandes supermercados, mas falava também de quitandas; o outro patrocínio falava, a Ótica Real, por exemplo, falava sobre saúde, então, cada um desses patrocinadores... a Moda Geny falava sobre moda e sociedade, e quem era um dos locutores era o próprio Osmar, filho da Madame Geny, dono da loja que era o alto padrão da moda de Juiz de Fora, para quem a gente também fazia os desfiles, naquela época, até patrocinados pela Bangu [importante fábrica de tecidos do período, que foi celebrizada pelos desfiles que organizava], porque, à medida em que a gente fez a Prevendo, e ela teve essa projeção, por ser dirigida talvez por uma mulher, isso se estendeu para fora de Juiz de Fora, a Prevendo passou a ser uma agência de Minas. (LADEIRA, 2008).

Dentre os quadros que compunham o programa *A hora é notícia*, que ficou no ar de 1968 a 1971, havia a Crônica Editorial de Abertura, com comentários sobre algum fato de destaque da atualidade, Sociedade (Coluna Social), Horóscopo, Política, Polícia, Cidade, Esportes, Artes, Imóveis (classificados), Literatura, etc. O formato tinha alguma influência radiofônica, mas lembrava ainda mais as editorias de um jornal impresso. A linguagem também tinha uma relação mais direta com o modelo do jornalismo impresso, até o momento, na cidade, o grande formador de opinião das classes dirigentes, mas, ao levar personagens da cidade, as empresas que eram conhecidas a integrar o relato do dia-a-dia, da rotina daquele lugar, criava-se um processo de identificação.

⁹ Banco fundado em Juiz de Fora, no final do século XIX, um dos primeiros bancos mineiros, privatizado na década de 1980. Hoje, faz parte do Bradesco.



As dificuldades técnicas para se fazer um telejornalismo de qualidade eram muitas: as maiores relacionadas à falta de mobilidade do equipamento, baixa resolução de áudio e imagens e o tempo empregado em se chegar ao produto final.

No jornalismo, por exemplo, as primeiras gravações externas da Industrial foram em Super-8 e prosseguiram assim por um bom tempo. Isso forçava sua colocação no ar com alguns dias de atraso, 3 ou 4, no mínimo; o tempo necessário para que o filme voltasse do Rio, onde era revelado, e fosse transmitida a gravação, por telecine¹⁰. Mas o próprio Super-8 já não permitia excelente reprodução de imagem. Ao passar pelo telecine, o produto final perdia ainda mais em qualidade. (CABRAL, 1985, p. 15)

Tinha-se ainda, no Brasil, uma TV artesanal, lenta, caseira e muito experimental¹¹. Ao mesmo tempo, uma TV extremamente inventiva, que foi capaz de criar programas excepcionalmente criativos e premiados como o *Jornal de Vanguarda*, da Rede Excelsior, o primeiro telejornal brasileiro apresentado por jornalistas, que saiu do ar, no final de 1968, depois de decretado o Ato Institucional nº 5. Em Juiz de Fora, Marilda Ladeira não era jornalista formada, o que só veio a acontecer na década seguinte, mas tinha a ousadia de outras contemporâneas como a jornalista, escritora e política Heloneida Studart, preocupada em dar voz às mulheres, em modificar a sociedade. Não só na TV, mas criando associações de pais de alunos, trazendo para a cidade o primeiro curso de uma nova ciência, o marketing, militando nas áreas mais carentes de Juiz de Fora, como a Vila Olavo Costa, para onde ia, carregando, no porta-luvas do carro, um revólver, no caso de precisar se defender de alguma ameaça maior, debatendo a liberdade sexual, Marilda Ladeira foi exemplo de uma sociedade e de uma cidade em transformação.

¹⁰ Telecine é o aparelho que permite a transmissão por TV de filmes cinematográficos e de eslaides. (FERREIRA, 1999, p. 1937).

¹¹ De acordo com Cabral, num primeiro momento, por exemplo, a TV Industrial contava com duas câmeras, uma “ilha” de telecine, um videoteipe Ampex e um transmissor, tudo em preto e branco. Num segundo momento, um transmissor em cores, três câmeras Panasonic a cores, uma “ilha” de telecine a cores e um equipamento de apoio – uma câmera portátil e duas ilhas de VT. (1985). Em 1976, a TV Industrial adquire material para transmissão em cores, foi a primeira emissora do interior de Minas Gerais a transmitir em cores. (CABRAL, 1985).

Se era patente, naquele período, o interesse em se fazer uma cobertura jornalística local, com ênfase em assuntos que mantivessem uma proximidade com o público, a grande dificuldade era dar um formato atraente ao produto final. Talvez aí tenha funcionado o “faro” da empreendedora e publicitária que percebeu que, através da realização de eventos, como os muitos desfiles de moda, conquistaria uma audiência fiel. De acordo com Marilda Ladeira, não eram usados ainda, em Juiz de Fora, meios confiáveis para a medição de audiência, mas, através dos telefonemas do público, a produção tinha como obter um retorno do grau de satisfação da audiência. Quase tudo era feito ao vivo; eventualmente, lançavam mão de imagens de filmes, captadas pelo cinegrafista Lúcio Paulo Martins, que também prestava serviços para a Prevendo. Mas, na maior parte das vezes, o único recurso imagético eram os *slides*, usado para ilustrar as locuções; quando havia possibilidade, algum convidado se apresentava no estúdio. Também acontecia dos apresentadores, entre eles o jornalista José Carlos de Lery Guimarães, os radialistas Natálio Luz e Geraldo Magela Tavares, e apresentadores como Jorge Schuery, grande carnavalesco de Juiz de Fora, discutirem temas da atualidade.

Outro produto jornalístico, com uma influência mais marcante do entretenimento, que foi produzido na época, também capitaneado por Marilda Ladeira e a equipe da Prevendo, foi o *Contraponto*, programa matinal, com uma referência temática de assuntos considerados bem afeitos ao “universo feminino”:

[...] tínhamos aos sábados e domingos um programa para o qual vinha o pessoal todo do Rio: a Vaninha Faissal com o marido, o Isidro, que era um cabeleireiro de fama no Rio, que fazia os penteados, e esse programa também tinha um editorial. Era de manhã, um programa de visualidades, amenidades, vamos dizer assim, eles traziam sempre desfiles, modas e penteados e alguma coisa assim desse gênero de amenidades. Tinha uma audiência muito grande [...] . (LADEIRA, 2008).

Para Iluska Coutinho, o papel da TV Industrial, àquela época, era o de um “espelho da sociedade”, ao criar grande identificação com as lideranças políticas e econômicas, como também com as classes médias, que, ao se sentir próximas do veículo, não se constrangiam em dele participar, como se a TV não fosse algo distante, mas bastante próximo:



O papel da antiga TV Industrial em sua relação com a cidade, ao representar os fatos locais, guarda estreita relação com o conceito de laço social como entendido por Wolton. De acordo com o autor nesse caso o veículo desempenha uma intermediação entre indivíduos, tornando-se “espelho da sociedade”, no qual se torna possível um olhar de fora do indivíduo para o seu cotidiano, a pessoa se vê na televisão. (COUTINHO, 2006, p.3).

Apesar de toda a simbiose com a cidade, a TV Industrial não conseguiu se estruturar de forma suficiente a enfrentar a concorrência cada vez maior das grandes redes nacionais, que começam a se sedimentar nos anos setenta. O acesso às tecnologias mais caras parecia, por exemplo, cada vez mais distante. A antiga editora do telejornal *Imagem* (1977/1980), que foi ao ar alguns anos mais tarde, Regina Gaio, por exemplo, confirma neste sentido que, apesar do nome, o que menos havia no jornalismo diário da TV Industrial eram imagens, o que, certamente, foi, aos poucos, afastando o telespectador, seduzido por outros padrões de qualidade:

O noticiário era, segundo ela, relativamente monótono e as notícias eram ilustradas apenas por “selos”, ao lado direito do apresentador. Já inspirados na Rede Globo, estes “selos” apresentavam o personagem Zé Marmita em situações diferenciadas, ora jogando futebol, ora construindo, ora estudando ou em outras situações relativas aos temas apresentados. O recurso artístico do desenho foi um pedido da então editora para quebrar a monótona leitura entre os apresentadores. (RODRIGUES, 2006, p.33)

Há muito especulação sobre os motivos que levaram à venda da TV Industrial para a Rede Globo, em 1979, tendo a TV Globo de Juiz de Fora entrado no ar em abril de 1980. Marilda Ladeira acrescentou um dado muito interessante, que nos pareceu singular: a proposta que foi estudada por ela, um de seus sócios na Prevendo, Paulo Resende, e o dono da TV Industrial, Geraldo Mendes, sobre a possibilidade da TV de Juiz de Fora comprar uma emissora em São Paulo (TV e Rádio Capital), decisão esta, que não teria tido o completo apoio da família Mendes, o que teria, depois, acelerado a venda para a Rede Globo:





[...] a primeira idéia, como a gente falou, o Geraldo estava interessado, como a Prevendo estava interessada, em adquirir isso. Eu não sei se era um pouco de ilusão, se a gente teria estrutura, vamos dizer assim, para manter a Rádio e TV Capital aqui, acho que era um pouco de sonho nosso também, talvez do Geraldo também. E como a mãe dele talvez tivesse uma dimensão já maior, e principalmente tendo já essa sabedoria de muitos anos, não sei quantos, atrás do Dr. Sérgio [patriarca do clã], segurando a vida deles com essa TV, ela devia saber o quanto custa para a família comandar uma emissora. Então ela soube, de alguma forma, dessa transação que a gente estava tentando fazer, pelo menos sem que eles soubessem, e ela, eu sei que foi ela quem fechou o negócio [com a Globo]. (LADEIRA, 2008).

De acordo com Marilda Ladeira, a operação de venda teria sido feita na surdina, surpreendendo os sócios da Prevendo. Não foi possível checarmos, até o momento, as informações que nos foram fornecidas pela jornalista Marilda Ladeira. O personagem principal dessa questão, Geraldo Mendes, ainda não se dispôs a falar sobre o assunto. Há ainda várias outras hipóteses que circulam na cidade sobre o fim da TV Industrial. Além dos aspectos estritamente pessoais, como o falecimento em curto espaço de tempo de dois dos três sócios (o irmão, Gudesteu, e o pai, Sérgio), ficando no comando da emissora apenas Geraldo Mendes, há outras considerações: nunca a emissora apresentou uma saúde financeira desejável, seja por má administração ou por falta de investimento do mercado publicitário local. A situação, às vezes, “era tão desesperadora, que a Rádio Industrial, dos mesmos proprietários da TV Industrial, cobria os déficits da TV.” (CABRAL, 1985, p. 25). Outro aspecto é o fato de que, pela dificuldade de gerar programação própria, e o alto custo para entrar em cadeia com outras emissoras, via Embratel, a TV Industrial, que fazia parte da Rede das Emissoras Independentes, costumava comprar programas veiculados pelas emissoras maiores como TV Tupi, TV Gazeta, TV Rio e TV Globo para, mais tarde, fazer a sua reapresentação, o que, de certa forma, também onerava a emissora. (CABRAL, 1985). Se pensarmos bem, parece ter havido uma conjunção de fatores, que levaram à venda da emissora. Certamente, no final dos anos 70, os cenários local, nacional e internacional já eram outros e a competição das TVs eminentemente locais com as redes de alcance nacional tornava-se praticamente inviável. O fim da TV Industrial também levou a uma mudança de rumos na vida de Marilda Ladeira. Ela vendeu a agência, inclusive porque o sócio de muitos



anos, Paulo Resende, foi ser diretor comercial da TV Globo de Juiz de Fora. Mas Marilda Ladeira não deixou de lado o jornalismo: foi uma das fundadoras do jornal *Tribuna de Minas*, que circula até hoje, em Juiz de Fora, lançou livros, participou de coletâneas, dedicou-se à pintura e ao artesanato. Hoje, aos 80 anos, Marilda Ladeira acha Juiz de Fora uma cidade “infeliz”, talvez pouco sábia em resgatar a memória de tanta gente ilustre, mas esta é uma tarefa à qual ela pretende ainda dedicar muito das suas forças.

Referências

A TELINHA nos anos 40. Juiz de Fora: *JF Hoje*, 29 jan. 1990, p.16.

CABRAL, Luciano Neiva. *TV Industrial: um resgate histórico*. Juiz de Fora: Facom/ UFJF, 1. sem 1985. Monografia de conclusão de curso de graduação.

CID, Wilson. *Wilson Cid*: depoimento [10 set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 2 fitas mini-DV (120 min).

COURI, Jorge. *Jorge Couri*: depoimento [17 set. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 1 fita min-DV (60 min).

COUTINHO, Iluska. *Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento*. IV Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo. Porto Alegre: UFRS e SBPJor, 2006. CD-Rom.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LADEIRA, Marilda. *Marilda Ladeira*: depoimento [5 nov. 2008]. Entrevistadora: Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora, 2008. 2 fitas mini-DV (120 min).

LUZ, Natálio. *Natálio Luz*: depoimento [mar. 2008]. Entrevistadora: Nina Scafutto Scotton. Juiz de Fora, 2008. 1 fita cassete (60 min).

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.

_____. *A imprensa local e os grandes veículos nacionais: relações associativas e complementares*. Juiz de Fora: Facom/UFJF, 1985.

_____. *Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV*. Niterói, RJ: 2008. CD-ROM do VII Congresso Nacional de História da Mídia.

OLIVEIRA, Lívia Fernandes de. *TV Mariano Procópio: representação e pioneirismo na história audiovisual de Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.



PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu, PORCELLO, Flávio Antônio Camargo, MOTA, Célia Ladeira. *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lins. *Identidade regional nas vinhetas dos telejornais: uma análise da representação visual na TV Panorama*. Juiz de Fora: Facom/UFJF, 2006. Monografia de Especialização.

_____. *Telefoto jornal: o elo perdido entre o cinejornal e o telejornalismo em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: 2008. Trabalho apresentado ao PPGCOM/UFJF, na disciplina Mídia, cultura e imaginário urbano.

STEHLLING, José Luiz. Primeira demonstração pública de televisão na América do Sul. Juiz de Fora: *Diário Mercantil*, 4 nov. 1961, p. 39.

TELEVISÃO em nossa terra é uma alegre realidade – TV Industrial nos vídeos da região. Juiz de Fora: *O Lince*, ago. 1964, p.20.

